

ISADORA FERNANDA LATINI

<http://orcid.org/0009-0001-5888-9418> 
Universidade Estadual do Norte do Paraná, UENP,
Jacarezinho, PR, Brasil.

Recebido em janeiro de 2025.
Aprovado em julho de 2025.

A SOCIEDADE DO CONSUMO E A PERDA DO ÍMPETO REVOLUCIONÁRIO SOB A PERSPECTIVA DE HERBERT MARCUSE

RESUMO

Este artigo científico possui como intuito realizar uma análise das relações sociais contemporâneas e sua aplicabilidade na teoria crítica proposta por Herbert Marcuse no livro *O Homem Unidimensional*, publicado em 1964, como coletânea das teorias que compõem a Escola de Frankfurt. A proposta restou como pertinente diante do caráter antecedente das consequências do enraizamento do sistema capitalista e da sociedade tecnológica que constituíram uma revolução social. O autor vê essa mudança como emancipatória, mas também pessimista, pois propaga um ciclo repetitivo e vicioso de consumo trazendo o conformismo à classe do proletariado e, por conseguinte, a perda do ímpeto revolucionário, o qual foi motriz nos grandes acontecimentos históricos como a Revolução Francesa e a Revolução Russa. O consumismo e a acumulação material ditam as escolhas humanas, levando a uma submissão à lógica do consumo insaciável que traz aflições, ansiedade e molda personalidades narcisistas. A racionalidade instrumental em prol do consumismo condiciona as mentes humanas à unidimensionalidade proposta por Marcuse, portanto, a globalização e o neoliberalismo associados ao capitalismo vendem a falsa perspectiva de liberdade, a qual em verdade atuam como mecanismos ideológicos de dominação pós-moderna. A proposta utiliza o método hipotético-dedutivo, utilizando-se do procedimento de revisão bibliográfica, a fim de, por meio das premissas e conhecimentos gerais sobre a temática, absorver e compreender os meandros do tema em debate, concluindo que as mudanças trazidas pela dominação ideológica, por meio da indústria cultural e do consumo, estão atuando por meio da repressão interna e externa do ser humano.

Palavras-Chave: escola de frankfurt; racionalidade tecnológica; indústria cultural; unidimensionalidade.

CONSUMER SOCIETY AND THE END OF REVOLUTIONARY DESIRE FROM THE PERSPECTIVE OF HERBERT MARCUSE

ABSTRACT

This scientific article aims to analyze contemporary social relations and their applicability to the Critical Theory proposed by Herbert Marcuse in the book *The One-Dimensional Man*, published in 1964, as a collection of theories that make up the Frankfurt School. The proposal remained pertinent given the foreseeable nature of the consequences of the entrenchment of the capitalist system and technological society, which constitute a social revolution. The author sees this change as pessimistic, as it propagates a repetitive and vicious cycle of consumption, bringing conformism to the proletariat class and, consequently, the loss of revolutionary impetus, which was the driving force behind major historical events such as the French Revolution and the Russian Revolution. Consumerism and material accumulation dictate choices and lifestyle, leading to submission to the logic of insatiable consumption that brings affliction, anxiety and shapes narcissistic personalities. The instrumental rationality in favor of consumerism conditions human minds to the one-dimensionality proposed by Marcuse, therefore, globalization and neoliberalism associated with capitalism sell the false perspective of freedom, which in fact act as ideological mechanisms of post-modern domination. The proposal uses the hypothetical-deductive method, using the bibliographical review procedure, in order to, through the premises and general knowledge on the subject, absorb and understand the intricacies of the topic under debate, concluding that the changes brought by domination ideological, through the cultural industry and consumption, are acting through internal and external repression.

Keywords: frankfurt school; technological rationality; cultural industry; unidimensionality.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial (CC BY-NC). Essa licença permite que reusuários distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do material em qualquer meio ou formato, exclusivamente para fins não comerciais, e desde que seja atribuída a devida autoria ao criador original.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente artigo científico propõe um estudo sobre a ideia de sociedade do consumo elaborada na obra “O homem Unidimensional” de Herbert Marcuse, o qual critica a existência de um estilo de vida autoritário por meio da imposição no ser humano da consensualidade dos valores do mercado de consumo, retirando-lhe a capacidade de vislumbrar outros estilos de vida. O escritor pertence à primeira geração da Escola de Frankfurt e foi colaborador na Teoria Crítica do Século XX, sendo seus pensamentos influenciados em antecessores como Karl Marx, Martin Heidegger e Georg Hegel. “A obra procurou evidenciar as influências e problemas que a tecnologia e automação associados ao capitalismo trouxeram para a sociedade” (MARCUSE, 1964, p. 63).

No livro Marcuse elenca que o capitalismo retirou a capacidade crítica dos indivíduos e em seguida inseriu um pensamento único que dita as condições subjetivas de pensamento que são reproduzidas numa rede hegemônica sobre todas as instituições sociais, como igreja, escola, trabalho e mídias sociais.

Diante disto, a análise da proposta reside em refletir a obra no contexto da terceira década do século XXI, refletindo se os modos de dominação e controle social apontados no livro estão presentes na sociedade contemporânea. A racionalidade instrumental, ou seja, a lógica do trabalho, da produção e do consumo, seria o cerne da subjetividade no comportamento humano, sendo que com o avanço da tecnologia houve um aperfeiçoamento, imiscuindo-se em todos os ambientes sociais. A lógica da sociedade industrial proposta na obra pode ser entendida como uma revolução civilizatória que além de propagar um ciclo repetitivo e vicioso de consumo traz o conformismo da classe do proletariado que perdeu seu ímpeto revolucionário.

O artigo aponta, em suas conclusões, a necessidade de estudar os efeitos do consumismo e dessa sociedade unidimensional que impactará, inclusive na produção artística, intelectual, científica, política e histórica da humanidade. As tecnologias da informação concentraram em uma dimensão as relações humanas e, através dessas tecnologias, são ditados os hábitos de consumo e de aspiração condicionando e determinando o comportamento humano, o que traz o perigo da história única, segundo Marcuse.

A proposta fez uso do método hipotético-dedutivo, com o uso do procedimento de revisão bibliográfica, com o intuito de, por meio das premissas e conhecimentos gerais sobre a temática, absorver e compreender o tema em debate, concluindo que as mudanças trazidas pela dominação ideológica, por meio da indústria cultural e do consumo, estão atuando por meio da repressão interna e externa do ser humano.

CONSUMISMO E ALIENAÇÃO UNIDIMENSIONAL

Herbert Marcuse foi membro da Escola de Frankfurt, a qual possui raízes no pensamento de Karl Marx, sendo alguns de seus membros Max Horkheimer (1895-1973), Erich Fromm (1900-1980) e Theodor W. Adorno (1903-1969).

O pensador em análise vivenciou no século XX o avanço exponencial da presença tecnológica na sociedade e, diante desse fenômeno, desenvolveu críticas desmitificando a suposta neutralidade da tecnologia. Herbert observou o caráter dominante e político totalitário do consumismo associado com a tecnologia e anteviu a racionalidade instrumental da tecnologia como novo fator alienante do proletariado apontando que o homem estaria se tornando unidimensional, ou seja, a tecnologia seria condição necessária e única como intermediadora das relações humanas.

Em contrapartida aos pensamentos pessimistas da Escola de Frankfurt, Marcuse entendeu que a tecnologia teria um caráter emancipador, visto que com a automação dos meios e da força de produção não haveria mais a escravidão do proletariado, iniciando a “sociedade industrial avançada” diante do caráter revolucionário que a tecnologia, fruto da ciência, inaugurou.

A Escola de Frankfurt surgiu no início do século XX formulando teorias que observam o comportamento humano diante da multiplicação dos meios de comunicação e dos aparatos tecnológicos e o fim da autonomia cultural contemplativa diante da pressão do capital.

A Escola de Frankfurt previu comportamentos sociais, demonstrando sua importância e relevância atual nas ciências sociais. Seus membros presenciaram a sociedade industrial emergente e entendiam que o consumo estaria intrinsecamente ligado ao conceito de opressão e alienação da classe trabalhadora através de sua Teoria sobre o Fetichismo da Mercadoria.



Para Karl Marx, no livro “O Capital” as mercadorias no mundo capitalista adquiriram uma áurea mística. Marx questiona o conceito abstrato de valor de uso e sua real utilidade na vida humana:

De onde surge, portanto, o caráter enigmático do produto do trabalho, assim que ele assume a forma-mercadoria? Evidentemente, ele surge dessa própria forma. A igualdade dos trabalhos humanos assume a forma material da igual objetividade de valor dos produtos do trabalho; a medida do dispêndio de força humana de trabalho por meio de sua duração assume a forma da grandeza de valor dos produtos do trabalho; finalmente, as relações entre os produtores, nas quais se efetivam aquelas determinações sociais de seu trabalho, assumem a forma de uma relação social entre os produtos do trabalho (MARX, 2013, p. 206-7).

Essa aura mística camufla as várias etapas de produção mercadológica da classe trabalhadora. Para Marcuse o ser humano cria um produto como obra de sua força laboral, em estágio posterior, o trabalhador cria o produto mercadológico e é inserido no meio cultural capitalista que o atira em sua vontade humana de consumi-lo. Contudo, há uma alienação não apenas do proletariado que produz o produto como também dos consumidores quanto a verdadeira natureza do objeto que consomem, pois estes não veem o contexto precário de desvalorização de mão de obra em que aquele produto foi produzido, assim como não fazem uma análise crítica a respeito da real utilidade do produto em suas vidas e se o valor monetário pago por ele é justificável.

São consumidores em potencial também a classe do proletariado, pois a lógica do capital é a maximização no número de consumidores e na quantidade de consumo. Deste modo, diante do aumento do consumismo, os proletariados também passaram a ser consumidores dos bens que eles mesmo produzem e entendem, sob a ótica unidimensional, que o aumento da capacidade de consumo é a razão e finalidade de suas vidas.

A sociedade da tecnologia condiciona o indivíduo adaptando-o a esse consumo em massa. O condicionamento faz com que o ser humano tenha uma mudança drástica nas suas relações com a natureza e a sociedade fazendo com que o indivíduo não tenha outras perspectivas de vida. Essa realidade do processamento agressivo e constante é o único modo de vida na sociedade do consumo, condicionando todas as pessoas para esse sistema e alienando com a falsa perspectiva de que se pode ser o que quiser.

Herbert Marcuse afirma que o consumo alienado desenvolveu uma mentalidade, uma existência de unidimensionalidade, ou seja, uma só dimensão, a da racionalidade instrumental, a qual produz a técnica em que só é produtivo e aceito aquilo que gera lucro. Dessa forma, há apenas um objetivo: a geração de riqueza. Todavia, essa riqueza é produzida para quem detém o poder do sistema, a burguesia. Essa razão instrumental indica o que é errado e o que é certo dentro dessa lógica, sendo que é bom apenas a técnica dentro do trabalho que gere um trabalhador que quanto mais alienado mais gera riqueza para o indivíduo que controla os meios de produção.

Essa técnica junto ao trabalho também usufrui dos recursos naturais de forma agressiva ao ponto de não ter nenhuma relação harmônica com uma sociedade sustentável ambientalmente. Deste modo, usa-se o mundo dentro dessa lógica de geração de riqueza, sendo o único modelo existente, a única dimensão imposta pelo sistema capitalista.

A razão cognitiva seria o libertar da consciência humana, mas o indivíduo perdeu sua dimensão crítica para a unidimensionalidade, sendo que a razão crítica, ou seja, a razão que questiona e que busca a resposta dos por quês, levando o indivíduo a questionar sua realidade, foi extinta e substituída pela racionalidade instrumental, a qual não estimula a reflexão.

O tecnicismo opressor prevalecente indica ao indivíduo um único caminho, a de produção de lucro, portanto, a unidimensionalidade diz respeito a perda da dimensão crítica, que impede o indivíduo de perceber a exploração de que é vítima. Dentro dessa racionalidade instrumental temos a alienação de alto grau, pois o indivíduo não enxerga outra forma de vida, sendo que para este a exploração é algo natural. Este é o caráter agressivo na mentalidade humana que a sociedade da ideologia industrial proporciona.

O homem unidimensional é resultado do efeito do consumo em massa no comportamento do ser humano que, com a tecnologia, passou a ter falsas necessidades de consumo através da publicidade.

Com o advento da sociedade capitalista, a intensidade das satisfações e as espécies de necessidades humanas foram condicionadas, assim, as necessidades humanas são ditadas historicamente pelo padrão dominante, pela classe dominante. Essas necessidades são ditadas por poderes externos dos quais os indivíduos não possuem controle e não questionam suas escolhas.



A obra “O Homem Unidimensional” realiza uma profunda reflexão acerca das necessidades são verdadeiras ou falsas, afirmando que os indivíduos não são livres pois são mutilados em sua autonomia através de pulsões como a publicidade manipuladora que insere produtos que devem a qualquer custo serem comprados. Estes controles sociais exigem a necessidade irresistível de produção e consumo de supérfluos através das remunerações pagas pela execução de trabalhos e empregos, conforme trecho extraído da obra “O Homem Unidimensional”:

Nós estamos novamente diante de um dos mais irritantes aspectos da civilização industrial avançada: o caráter irracional de sua racionalidade. Sua produtividade e eficiência, sua capacidade de aumentar e ampliar comodidades, de transformar o desperdício em necessidade e a destruição em construção, a dimensão com que essa civilização transforma o mundo objetivo em uma extensão do corpo e do espírito (mind) torna questionável a própria noção de alienação. As pessoas se reconhecem em suas mercadorias; encontram sua alma no seu automóvel, nos seus aparelhos hi-fi, nas suas casas de dois andares ou com mezanino e nos seus utensílios de cozinha. O próprio mecanismo que une o indivíduo à sua sociedade mudou e o controle social está ancorado nas novas necessidades que essa sociedade produziu (MARCUSE, 1964, p. 46-47).

O estilo de vida do consumo cria também uma errônea impressão de igualitarismo entre as classes, pois todos se tornaram consumidores, em que pese consumirem produtos de qualidades distintas, como um carro importado pela burguesia e um carro popular pela classe trabalhadora. As leis e as relações jurídicas tutelam os direitos dos consumidores, no Brasil por meio do Código de Defesa do Consumidor, pela Constituição Federal e por leis esparsas, os quais, inclusive, reconhecem a desigualdade e hipossuficiência entre consumidor e vendedor/fornecedor, visto que no auge atual do capitalismo a maioria dos produtos básicos de sobrevivência humana são acessíveis apenas através de contrato de compra e venda, sendo pouco usual entre as pessoas o plantio e a criação de animais para autossustentação, assim como a confecção de mobília, construção civil e vestimenta para uso próprio.

Esse ciclo constante de busca pela satisfação da “necessidade” de consumir e o prazer de ter adquirido o produto amortiza o ímpeto revolucionário e crítico da sociedade de modo que a longo prazo mina as reais possibilidades de mudanças no mundo. Evidencia-se que o proletariado perdeu sua característica protagonista e revolucionário para os interesses das mega empresas, que é o lucro, para o interesse individual em detrimento da coletividade.

Portanto, para ajustar o indivíduo ao sistema industrializado, há uma manipulação das vontades de consumo visto que a lógica do capital pressupõe um constante aumento no consumo. Deste modo é preciso que haja um aumento da velocidade de produção de produtos, assim como a criação de novos hábitos para assim consumir novos produtos. Logo, o indivíduo tem suas necessidades pré-determinadas através da cultura e das propagandas para que sua mente entenda que sua felicidade está associada à sua capacidade de consumo, criando um êxtase e euforia, mas Marcuse afirma que essa felicidade é passageira, pois o sistema nunca irá permitir que um indivíduo esteja plenamente satisfeito, pois caso contrário cessaria o ciclo infinito do consumo.

Diante de todo supramencionado, com a perpetuação do sistema capitalista há um aperfeiçoamento constante visando atingir todas as áreas humanas como o lazer, a cultura, a alimentação, o vestuário, a arte de modo que tudo é consumível apenas através do dinheiro. Portanto, foi instaurada a cultura do consumo em massa.

GLOBALIZAÇÃO, TECNOLOGIA E O HOMEM UNIDIMENSIONAL

O homem unidimensional proposto por Marcuse está ligado a tradição do pensamento marxista e pensa que a sociedade capitalista eliminou as formas de oposição e qualquer outra forma de existência que não seja aquele integrado ao modelo de produção capitalista, de sociedade capitalista e de toda a ideologia do capitalismo.

No pensamento de Marx a essência do ser humano tem como estado de Natureza a liberdade, sendo dono de seu fruto de trabalho, “contudo com a civilização surge o domínio do homem pelo outro homem, advindo o conceito de classe subordinada e de classe dominante” (HARVEY, 2013, p. 98).

O principal fator do domínio do proletariado é através da dominação e o proletariado é alienado, pois não detém os recursos oriundos de sua força de produção. Contudo, Marcuse identifica que com a tecnologia os meios de produção e a mão de obra passarão por transformações rumo a uma transcendência histórica para uma nova civilização.



“Com a automação ocorre a transubstanciação da força de trabalho, no qual esta, separada do indivíduo, torna-se um objeto produtivo independente e, portanto, um sujeito em si mesmo”. (MARCUSE, 2013, p. 69).

Portanto, produzir bens móveis como eletrodomésticos, veículos automotores e alimentos através de máquinas que para o funcionamento pouco ou nada precisam da mão de obra humana representa uma reificação da forma humana de trabalho. Assim uma completa automação da produção de bens consumíveis levará ao tempo livre, ao ócio e ao desemprego.

Nesse estágio, o proletariado que tem sua subsistência advinda exclusivamente da contraprestação paga em razão do uso de sua força de trabalho vê-se na necessidade, através das organizações trabalhistas, de opor-se à automação sem substituições compensatórias da diminuição de mão de obra no processo de produção. Portanto, a automação aumenta a produtividade do trabalho, mas seu progresso contínuo diminui a dependência da burguesia com a força de trabalho humano do proletariado gerando desemprego, excedente de mão de obra e empobrecimento da classe dominada.

De fato, a automação parece ser o grande catalisador da sociedade industrial avançada (...). Pois o processo social de automação expressa a transformação, ou, antes, a transubstanciação da força de trabalho, no qual esta, separada do indivíduo, torna-se um objeto produtivo independente e, portanto, um sujeito em si mesmo. (...) Se a automação se tornasse o processo de produção material, revolucionaria a sociedade com um todo. A reificação da força de trabalho, levaria à perfeição, estilizaria a forma reificada, cortando a corrente que liga o indivíduo à maquinaria – o mecanismo através do qual seu próprio trabalho o escraviza (MARCUSE, 2013, p.69).

Junto a isto, o homem unidimensional e a sociedade unidimensional são frutos de um processo de alienação, onde o ser humano não dispõe de uma dialética, de uma oposição, podendo apenas existir dentro dos padrões que são estabelecidos dentro do seu contexto social. Não existe um oposto a isso, não existem outras alternativas. Toda a existência humana é pautada para reproduzir o modelo do capitalismo, desde as instituições religiosas, culturais e políticas, que apontam a alienação do ser humano rumo ao uso de sua força de trabalho, sendo que quanto mais produtivo ao capital maior a utilidade do trabalhador e este, o qual mergulhado nessa ideologia, considera-se feliz.

O modelo de homem unidimensional propõe um pensamento único oriundo da atual globalização, das instituições sociais e do Estado. Para Marcuse há um consenso social em prol dos valores do mercado, pois com a evolução do capitalismo e o constante aperfeiçoamento da sociedade industrial alcançou-se um ponto em que a burguesia e o proletariado, classes responsáveis pelo movimento da história, deixam de ser agentes transformadores da sociedade para se tornarem agentes defensores do status quo.

Os avanços dos aparatos tecnológicos solucionaram pequenas necessidades vitais humanas e tornaram a vida tanto do proletariado quanto da burguesia tão confortáveis que o ímpeto revolucionário desses grupos cessou, como exemplos aplicativos de comunicação gratuitos como Whatsapp, TikTok, assistentes virtuais eletrônicas, máquinas de lavar roupa, microondas, aparelho celular, geladeira, entre outros. Segue trecho do livro O Homem Unidimensional:

As tendências totalitárias da sociedade unidimensional tornam ineficazes os modos e meios tradicionais de protesto – talvez os tornem até mesmo perigosos, porque preservam a ilusão da soberania popular. Essa ilusão contém alguma verdade: “o povo”, anteriormente o fermento da mudança social, “promoveu-se” para se tornar o fermento da coesão social. Aqui, mais do que na redistribuição da riqueza e da equalização de classes, está a nova estratificação característica da sociedade industrial avançada (MARCUSE, 2013, p. 229).

Existe um caráter totalitário nessa sociedade industrial avançada, pois as convenções sociais impedem de adquirir, por exemplo, um apartamento que não seja através do modelo de consumo, a qual é aceita, em geral, de forma acrítica pela sociedade contemporânea. O apartamento é um símbolo de status social, resultado de certas convenções e que nem sempre possibilitam morar satisfatoriamente, mas é o único modo de vida atual, a única perspectiva de dimensão social segundo Marcuse, a qual sempre será condizente com o capitalismo e expandi-se de forma consensual e com tendência totalizante pelo tecido social.

Esse “homem unidimensional” faz avançar os pressupostos do mercado capitalista: econômico, social, político, cultural, científico, tecnológico e subjetivo (pela produção do desejo inconsciente). Com o sistema capitalista fortemente marcado em quase todo o planeta a unidimensionalidade está praticamente em todos os lugares e em lugar algum.



Marcuse se opõe ao uso capitalista dos pressupostos freudiano, propõe romper com a explicação capitalista, gestando um novo princípio de realidade.

Produtividade para quê? A resposta invariavelmente é clara: para satisfazer as necessidades, evidentemente. (...) Mas quando o conceito de necessidades engloba tanto alimentação, roupa, moradia, quanto bombas, máquinas de caça níqueis e a destruição de produtos vendáveis, então podemos afirmar (...) que (esse) conceito é tão desonesto quanto inútil para determinar o que seria produtividade legítima (...). Parece que a produtividade é cada vez mais um fim em si mesmo, e a pergunta sobre a sua utilização não só permanece em aberto, como é cada vez mais recalçada (MARCUSE, 20013, p. 115-116).

O sistema capitalista aliado à expansão do consumismo demonstra uma forma suave de se exercer o poder que continua controlando as relações sociais, mas só permite que haja uma suposta liberdade para beneficiar o mercado. A unidimensionalidade pela cultura, lazer, arte, instituições sociais e outras áreas de interação humana ajudam o atual capitalismo a colonizar a subjetividade do ser humano e colocá-la exclusivamente em função de seus interesses.

Marcuse, aponta que o capitalismo, através da atual globalização mercadológica, além de ditar as condições materiais do homem, instalou-se no subjetivo. O indivíduo passa a desejar, olhar e pensar de acordo com esses valores do modo de vida consumista (principalmente inspirado nos produtos e marcas de grandes empresas), contraditoriamente, estimula também um tipo de liberdade reduzida apenas ao mercado.

Portanto, há um controle das relações sociais: só se permite que haja uma suposta liberdade para beneficiar o mercado. Quando se defende a livre manifestação nas artes e na vida cultural tal procedimento é estimulado, mas desde que, sob qualquer hipótese, não se ponha em risco a economia globalizada.

Portanto, o capitalismo aperfeiçoou-se e imiscuiu-se em todas as dimensões humanas revestindo a cultura que necessariamente passou a ser consumível e não mais contemplativa, reduzindo as pessoas à "servidão voluntária" da ordem hegemônica.

Para Herbert Marcuse a resistência do proletariado cessa frente a essa unidimensionalidade que se reproduz na globalização. A unidimensionalidade ocorre de forma implícita pela rede transversal de poder hegemônico: através da família, da fábrica, da empresa, da escola, da universidade; das diferentes igrejas, dos diferentes Estados. Na sociedade industrial com o avanço técnico (tecnologia) há uma conformidade/ confortabilidade que impede mudanças sociais.

As tecnologias desenvolvidas criam um ambiente/existência confortável que minam a vontade das pessoas lutarem por mudança social. Na sociedade industrial ao invés de uma alienação o que existe é uma identificação, o sujeito não é alienado e sim identificado com a sociedade, a maneira como ela funciona, sua lógica, seu modo de pensar. Essa identificação com a sociedade é chamada por Marcuse de "Mimésis", é uma identificação imediata, a partir do momento que estamos na sociedade estamos nos identificando com ela. (MARCUSE, 1973, p. 138)

A produção e a distribuição em massa exigem o indivíduo inteiro e a psicologia industrial há muito deixou de estar restrita à fábrica. (...) O resultado não é o ajustamento, mas a mimese: uma identificação imediata do indivíduo com sua sociedade e, através dela, com a sociedade como um todo. Essa identificação imediata, automática (que pode ter sido característica das formas primitivas de associação) reaparece na civilização altamente industrializada; entretanto, sua nova "imediatez" é o produto de uma organização sofisticadas e científicas. Nesse processo, a dimensão "interior" da mente (mind), na qual a oposição ao status quo pode se enraizar, é reduzida. A perda dessa dimensão, na qual habita o poder do pensamento negativo – o poder crítico da Razão – é a contraparte ideológica do próprio processo material pelo qual a sociedade industrial silencia e reconcilia a oposição. (...) a eficiência do sistema enfraquece a capacidade do indivíduo reconhecer que esse sistema só contém fatos que expressam o poder repressivo do todo. Se os indivíduos se encontram nas coisas que moldam suas vidas, não é porque eles estabelecem a lei das coisas, mas porque eles a aceitam – não como uma lei da física, mas enquanto uma lei de sua sociedade (MARCUSE, 2013, p. 48-49).

Portanto, existe um pensamento único imiscuído nas mentes humanas de modo com que todos tenham a mesma lógica de pensar e submetem-se como uma lei natural da sociedade, por exemplo: a lógica da produtividade que vê com abominação a procrastinação e como oportuno o aumento da produtividade, ou seja, todo pensamento imposto é favorável à sociedade capitalista.

Zygmunt Bauman afirma que a liberdade do ser humano está talhada na sociedade líquida e submetida ao mercado. A liberdade consiste em consumir de modo desenfreado para satisfazer vontades individuais.



O consumismo de hoje, porém, não diz mais respeito à satisfação das necessidades – nem mesmo as mais sublimes, distantes (alguns diriam, não muito corretamente, “artificiais”, “inventadas”, “derivativas”) necessidades de identificação ou auto segurança quanto à “adequação”. Já foi dito que o *spiritus movens* da atividade consumista não é mais o conjunto mensurável de necessidades articuladas, mas o desejo – entidade muito mais volátil e efêmera, evasiva e caprichosa, e essencialmente não-referencial que as “necessidades”, um motivo autogerado e autopropelido que não precisa de outra justificação ou “causa” (BAUMAN, 2011, p. 72).

Desta forma, a identidade pessoal não é mais sólida, passando a ser fluida e mutável mediante o consumo de novas identidades impostas pelo capitalismo. A sociedade tornou-se refém do capitalismo e da fugacidade líquida de hábito consumista, houve o abandono de ideias transcendentais e sua substituição pelo consumo desenfreado de bens materiais para ostentar uma identidade.

O ser humano moderno desconhece suas reais necessidades, pois estas não são suas reais necessidades, mas são administradas e sobrepostas diante de sua incapacidade de resistência frente a dominação e a autonomia. Por sim, este homem, além de identificar-se com o comportamento público, também o imita e se submete sem questionamentos aos poderes existentes.

Sem a autoatividade autêntica, as pessoas submetem-se à dominação totalizante (MARCUSE, 2013, p.22), tornando-se meros instrumentos do capitalismo e do consumismo.

A política da tecnologia é moldar os hábitos de consumo em benefício do capitalismo, sendo a lógica instrumental e a racionalidade tecnológica determinante nas relações sociais, as quais estão revestidas pela unidimensionalidade. Logo, basta os indivíduos tomarem consciência de suas condições alienadas, assim como do perigo de uma histórica única e reagir a esse controle.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desejo subjetivo de consumir mais e mais é uma criação da modernidade, segundo Herbert Marcuse. Essa vontade foi inserida de forma proposital pelo sistema capitalista, havendo uma cultura incansável de adquirir bens materiais e imateriais através da contraprestação monetária que o labor proporciona aos proletariados.

A capacidade de consumo passou a ser um termômetro de indicação da identidade pessoal, não apenas simbolizando o pertencimento a determinada classe social, como também o estilo cultural, político, religioso e qualquer outra variável determinante de qualificação de um indivíduo. Importante frisar que o consumismo desenfreado individualista levou a diminuição de participação social organizada pelos cidadãos trazendo prejuízos para democracia.

O pensamento coletivo é raridade, sendo a vida comunitária uma ameaça e a solidariedade indicador de fragilidade, diminuindo cada vez mais reflexões sobre os problemas sociais locais como em bairros, escolas e igrejas, havendo uma concentração alienante na individualidade.

Diante da destruição dos espaços públicos e a mudança do indivíduo para produto-consumidor coisificando as pessoas, as relações humanas passaram a ser superficiais e simplórias, retirando toda a liberdade do ser. Desta forma, o trabalho é visto como a relação social mais importante, acima de relações familiares, religiosas e de amizade, havendo uma renúncia destas para a total subordinação a qualquer forma de se ganhar dinheiro para, em seguida, consumir mais. As tecnologias estão em constante aperfeiçoamento e, através das propagandas, são inseridas na mente humana como falsa necessidade pela indústria cultural.

Para Marcuse o “homem unidimensional” está aos poucos perdendo sua individualidade, sua capacidade de discordar, de controlar seu próprio destino, sua particularidade e sendo diminuído pela sociedade da ideologia industrial que emolda aspirações, esperanças, os medos e valores pessoais e, inclusive, as necessidades vitais. Na perspectiva de Marcuse o preço a ser pago pela satisfação do consumo é a entrega de toda liberdade e de toda individualidade.

O artigo aponta, em suas conclusões, a necessidade de estudar os impactos do consumismo e dessa sociedade unidimensional que impactará, inclusive na produção artística, intelectual, científica, política e histórica da humanidade. As tecnologias da informação concentraram em uma dimensão as relações humanas e, através dessas tecnologias, são ditados os hábitos de consumo e de aspiração condicionando e determinando o comportamento humano, o que traz o perigo da história única, segundo Marcuse.

Os desejos e as escolhas humanas são totalmente condicionados forjando uma dominação sutil que não precisa acudir a nenhum pensamento crítico: tudo já está dado. O estilo de vida do consumo cria também uma errônea impressão de igualitarismo entre as classes, pois todos se tornaram



consumidores, porém consomem produtos de qualidades distintas, o que traz conformismo ao sistema e retira o ímpeto revolucionário existente na classe trabalhadora nos séculos passados, o que mina a longo prazo as reais possibilidades de mudanças no mundo e traz a impressão de que a opressão de classes será uma fatalidade no destino da humanidade.

Conclui-se que o proletariado perdeu seu potencial protagonista e revolucionário diante do conformismo e da satisfação individual que o sistema capitalista e o estilo de vida consumista trouxeram, além da perda do senso de coletividade.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2011.

BRASIL. **Código de Defesa do Consumidor**. Brasília: Senado Federal, 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8078compilado.htm. Acesso em: 30 jul. 2024.

BRASIL. **Constituição Federal**. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 30 jul. 2024.

HARVEY, David. **Para Entender o Capital** - Livro I. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**. Tradução: Giosone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

MARCUSE, Herbert. **O homem unidimensional**. Tradução: Robespierre de Oliveira. São Paulo: Edipro, 2015.

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da economia política, livro I – O processo de produção do capital. 7ª ed. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: BoiTempo, 2013.